

Iniciando a conversa...

*A importância de uma coisa há que ser medida pelo
encantamento que a coisa produza em nós.*
(Manoel de Barros, 2010)

Pedrinhas, folhas, brinquedos, papéis, desenhos, fotos, coisas...

Ao longo do ano fomos observando que as crianças da turma 23 constantemente encontravam objetos pela escola e desejavam guardá-los na mochila ou em algum esconderijo. Eram achadouros simples, aparentemente, sem importância ou significado ao olhar dos adultos. No momento em que nós, docentes da turma, questionamos sobre os objetos guardados, as crianças diziam serem tesouros. Tão logo, percebemos o desejo das crianças por eles.

Esse movimento não era de uma ou duas crianças, mas de todas, e seus significados e experiências com cada achado nos apresentavam possibilidades de aprendermos juntos sobre memória, sobre infância.

Esse artigo é um relato de experiência do projeto “Coisário: memórias infantis” que parte dos interesses das crianças pelas miudezas, pelas lembranças e pelas suas histórias de vida. O projeto aconteceu no terceiro trimestre de 2015 com uma turma do grupamento II (crianças com 4 anos de idade) da Unidade de Educação Infantil do Colégio Pedro II.

Este relato também significa para nós, professoras, um exercício de formação por meio das nossas memórias com as crianças, com o que vivemos, aprendemos, construímos com elas. Neste sentido, nós aprendemos e construímos junto às crianças sobre memória, também aprendemos e percebemos a importância do olhar sensível do educador para as curiosidades e interesses apresentados pelas crianças. Compreendendo que na simplicidade das coisas, podemos desenvolver uma aprendizagem significativa, carregada de sentidos e experiências.

Este relato é atravessado por vidas, por histórias, por infâncias, por *achadouros de coisas desimportantes*, como nos diz sabiamente o poeta Manoel de Barros (2015).

Achados, guardados e tesouros: O que as crianças sabem sobre memória?



Figura 1 - Crianças cavando para esconder um tesouro.

Considerando a criança enquanto sujeito brincante, pensante e protagonista do seu conhecimento e da sua história, a metodologia de trabalho com os projetos nos ajuda a defender e afirmar uma proposta que reconhece e valoriza os saberes, interesses e curiosidades das crianças. Muitas vezes estes interesses não aparecem através da oralidade, da pergunta explícita, contudo de sutilezas cotidianas que se repetem de modos diferentes no decorrer do tempo. Tais sutilezas são carregadas de sentidos e significados para as crianças. Desta forma, experiências, situações e ações vividas por elas, ocupam importante lugar na produção de conhecimentos.

No entanto, coisas achadas ganham mérito de tesouro ao olhar delas, e se tornam verdadeiros *achadouros da infância*, que pelas experiências, marcam de tal forma que se transformam e se definem em *memórias infantis*.

Neste sentido, no exercício desafiante de um olhar atento e sensível às práticas construídas entre as crianças, percebemos a recorrência nas brincadeiras de caça ao tesouro. Quando encontravam algo diferente pela escola, rapidamente este objeto era guardado na mochila, secretamente. Outras vezes, as crianças cavavam buracos no chão do pátio da escola para enterrar seu tesouro e encontrá-lo depois. Desenhos de mapas do tesouro também eram construídos coletivamente pelas crianças durante suas brincadeiras.

A tarefa do educador é criar um contexto em que a curiosidade, as teorias e a pesquisa das crianças sejam legitimadas e ouvidas, um contexto em que as crianças se sintam confortáveis e confiantes, motivadas e respeitadas em seus processos e percursos cognitivos e existenciais (RINALDI, 2014, p. 228).

Partindo de princípios como nos aponta Rinaldi, nossas observações se configuraram em um projeto de trabalho da turma, no qual pontuamos propostas e experiências, abrangendo diferentes linguagens, para o seu desenvolvimento. Segundo Corsino, o trabalho com projetos na educação infantil,

(...) é uma forma de vincular o aprendizado escolar aos interesses e preocupações das crianças, aos problemas emergentes na sociedade em que vivemos, à realidade fora da escola e às questões culturais do grupo (2012, p. 101).

A história *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* ainda não era conhecida pela turma e nas primeiras páginas as crianças se encantaram e participaram da contação. Nesta obra a memória é apresentada com diferentes significados, porém, muito especiais e singulares para cada personagem, idosos que vivem em um asilo perto da casa de Guilherme, uma criança muito curiosa e com desejo de ajudar os idosos a se lembrar de momentos da sua vida, pois haviam perdido a memória.

Guilherme deseja compreender o que é memória e pergunta a cada um deles o que ela significa. Os senhores e as senhoras respondem de maneiras diversas o que representa memória para eles e Guilherme, de modo astuto e solidário, recolhe e procura por objetos que se assemelham às definições que escutou. A história é encantadora pela simplicidade do ato da criança, o carinho presente na relação entre ele e as pessoas idosas, num encontro entre gerações e o espírito de solidariedade com o outro. E Guilherme, com as coisas encontradas e guardadas numa caixa, consegue fazer com que se recordem de momentos felizes e tristes que marcaram suas vidas.

O momento da contação da história se tornou espaço para conversar e compartilhar ideias e opiniões sobre os personagens, os nomes de cada um e sobre o que é memória. Onde a leitura é potencializada pela *autoria compartilhada entre o momento da escrita e o da leitura, entendida como uma decifração inteligente e uma recriação ativa, capaz de afirmar a autonomia de cada um no ato mágico de ler* (MACHADO, 2007, p. 147).

O que sabem as crianças sobre memória? Assim como na história, diferentes ideias sobre o que significa memória surgiram. A história possibilitou espaço para diferentes explicações e definições dadas pelas crianças nas rodas de conversa e o mesmo faremos aqui, trazendo os diversos modos de compreender a memória pelo entendimento e pela lógica das crianças.

“Memória fica no cérebro e serve para pensar.” (João Marcelo)

“Ela faz a gente adivinhar e pensar.” (Sophia)

“É uma coisa bem legal que guarda dinossauros. Ela fica na cabeça.” (Pedro Luis)

“É quando a gente fica triste e sente saudade.” (Bryan)

“Memória faz rir. Ela fica na boca.” (Victor)

“Minha memória é de carrinhos.” (Jorge Gabriel)

“Memória faz lembrar de quando eu era bebê. E quando minha avó e meu avô morreram.” (Gabriele)

“É algo que faz rir. Ela fica no cérebro.” (Maria Alice)

“Memória fica na testa. Ele é engraçada.” (Lucas)

“Memória faz a gente ficar bem. Ela fica na perna.” (Giovanna)

“É algo que faz chorar!” (Matheus)

“Minha memória está na sala, dentro da caixa.” (Lívia)

As narrativas nos possibilitaram *compreender o compreender* (BATESON, 1998) das crianças, pensar com elas as diferenças de opiniões, pois *o outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir as individualidades que estão em constante formação* (ZANINI; LEITE, 2012, p. 76). Sentimentos emergiram nas conversas sobre memória, a saudade, a tristeza, a alegria. Pelas narrativas buscamos fazer e trazer à tona a relação existente entre as coisas, os sentimentos e a memória.

Coisário: ressignificando memórias

*Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho
1 abridor de amanhecer
1 prego que farfalha
1 encolhedor de rios
1 esticador de horizontes
(Manoel de Barros, 2015)*

Guilherme Augusto Araújo Fernandes potencializou o projeto pelas possibilidades apresentada de conversas, narrativas, histórias, saberes infantis. A caixa que *Guilherme* utilizou com os idosos, nos deu pistas para a construção de nosso coisário.

Ainda afetados pela história, mergulhamos na construção de um coisário. Um coisário é um lugar que contém vários objetos reunidos, mas estes objetos são escolhidos, selecionados, por motivos singulares e pessoais. O filósofo Gaston

Bachelard apresenta o termo “coisário” em sua obra *A poética do devaneio* (1988) e segundo ele, *o nosso coisário nos é precioso, oniricamente precioso, pois nos oferece os benefícios dos devaneios ligados* (p. 160). O autor ainda nos afirma que *não é preciso muito para se estabelecer uma relação de convivência com os objetos* (Ibid.).

As crianças já haviam guardado alguns objetos conosco na escola e, assim, iniciamos a produção do coisário, cada criança produziu o seu, a seu modo, do seu jeito, com suas cores, com suas ideias e criatividade.



Figura 2 - Produção do coisário.

Combinamos com as famílias de ajudarem as crianças na seleção de objetos de casa, especiais para elas a fim de compor o coisário também com estes pertences. Passeamos algumas vezes pela escola com a turma em busca de tesouros para a caixa de memórias (este passeio contou com a participação das professoras de Educação Física). O objetivo do passeio, seria coletar ao caminhar, coisas que para elas lhes trariam lembranças da escola. Com isso, as crianças criaram com argila e alguns elementos da natureza coletados, uma escultura que representasse algo especial para elas. Cada criança também fotografou espaços da escola que consideravam significativos durante a sua história na Unidade de Educação Infantil. *Reunir coisas implica potencializá-las para novas possibilidades de uso, valor, significado e interpretação. Objetos de convivência, de estimação, descartáveis, coisas da infância, coisas ínfimas, coisas anônimas (...)* (SILVA, 2013, p. 1224).

A participação da família foi de fundamental importância, pois os objetos trazidos de casa foram compartilhados nas rodas de conversa entre as crianças. Dentre

os objetos enviados, a fotografia teve um lugar de expressão da história de vida das crianças. Fotos de momentos e pessoas especiais para cada uma delas. Vale ressaltar o cuidado que cada criança tinha com o coisário do outro, pois compreenderam que esta caixa se tratava dos tesouros, no entanto, mereciam atenção e cuidado especial.



Figuras 3 e 4 - Organização dos coisários pelas crianças.

Ao que contava e mostrava seus objetos, foi possível perceber no olhar, a satisfação em compartilhar seus achadouros com a turma. Aos que (ou)viam, o encanto, nas histórias próprias do outro, onde em alguns momentos, foram atravessados por elas, ora por semelhanças, ora por diferenças. Versando nas histórias de vida, nos interesses, nas singularidades, próprias do outro.



Figura 5 - Compartilhando o coisário com as crianças.

Diversas vezes, mais achados surgiam pela escola e as crianças recorriam ao seu coisário para guarda-los e protegê-los. Nós, professoras da turma, também construímos nosso coisário com as crianças e trouxemos objetos para contar de seus significados e o que cada um representava em nossa vida. O coisário permaneceu um bom tempo na turma, sendo remexido, composto por mais coisas, resgatado em diferentes situações.

Conversando sobre os coisários, registramos que sentidos eles têm para as crianças, por compreendermos que ao lançarmos uma proposta baseada no interesse e nas ideias da turma, o processo de (re)significação da experiência é parte integrante do projeto. Enquanto docentes nos possibilitamos em desenvolver uma escuta e olhar sensíveis para as produções, narrativas, gestos, desejos das crianças e com elas aprendemos a ter um *olhar curioso, descobridor, olhar de quem olha querendo ver além* (DIAS, 2012, p. 179). Foi com esse olhar que nós, professoras, realizamos uma escuta sensível, atentas para as sutilezas nos relatos e narrativas das crianças sobre suas coisas, seus pertences e suas histórias.

Nesse contexto, as narrativas das crianças, cada uma a seu modo, expressou a forma pela qual elas compreendiam e significavam o coisário.

“No coisário tem as coisas que eu gosto. (...) Este avião foi o Matheus que fez pra mim e me deu. Tem a foto de quando eu era bebê, eu não me lembro de quando eu era bebê. E eu tirei foto da casinha da escola porque eu gosto de brincar nela” (Sophia).

“Coisário é uma coisa que as crianças vão lembrar. No meu coisário tem a maletinha, eu trouxe ela porque a minha amiga Júlia quebrou e o Ruan também. (...) A foto de quando eu era bebê foi lá no passeio do trabalho do meu pai” (Gabriele).

“Coisário é uma caixa que guarda coisas especiais. Essa aqui é minha foto no carnaval, eu vestido de índio. Esse carrinho eu adoro ele, minha mãe que me deu quando eu era neném. Eu achei essa tampa na grama da escola, eu peguei porque eu achei ela especial e muito legal de brincar. Essa é a foto da escola, eu tirei porque eu gosto desse lugar pra brincar. E essa folhinha eu encontrei lá no Japão” (Bryan).

“Coisário é uma caixa que a gente põe um monte de coisas. Eu encontrei esse lenço que parece um castelo. Eu trouxe de casa as minhas fotos. Aqui é minha casa. Eu trouxe o livro da Ninoca e a bolinha do meu irmão, eu lembro que ele ganhou numa festa. Eu lembro que eu catei essas sementinhas aqui na escola. Eu lembro que eu ganhei esses pregadores na festa que eu fui. Esse tecido foi a Camila que trouxe pra dar pra gente. Essa foto me lembra do dia que eu nasci. Essa foto eu lembro que foi na escola. É o lugar que eu mais gosto: A estante da sala de artes” (Maria Alice).

“Coisário é um lugar que guarda as memórias. Esse avião consegue voar, empurra e dá curva. Guardei porque eu gosto dos aviões. Essa é a foto de quando eu arrumei a sala. É o lugar que eu gosto. Eu fiz essa massinha e coloquei um montão de pedras” (Matheus).

Nas narrativas das crianças, sobre o coisário, constatamos o real e o imaginário na perspectiva e na lógica das crianças, diante das coisas achadas, das coisas compartilhadas por cada uma. Sendo para o outro um espelho onde se reflete algumas histórias atravessadas pelas memórias uns dos outros.

Entrelaçando histórias e memórias com as famílias e a comunidade escolar

No final do ano letivo, a Unidade de Educação Infantil realiza anualmente uma Mostra Pedagógica aberta aos familiares e à comunidade escolar interna e externa. Conversamos com as crianças sobre a ideia de apresentarmos nossos coisários neste evento e elas aceitaram. No entanto, para apresentação em um evento, a turma compreendeu que precisávamos organizar e preparar nossa caixa para outras pessoas verem o que tem nela.

As crianças expuseram suas caixas, com suas coisas, objetos, fotos, suas histórias, seus saberes, por fim, construíram seu coisário, e nele organizaram suas memórias como um acervo palpável, exposto e compartilhado com todos.

Ao nos referirmos à memória (...), temos em mente, a evocação intencional de fatos, experiências e percepções do sujeito, que busca voluntariamente na memória o objeto que deseja imaginar. Desse modo, o sujeito do ato de imaginação busca na memória, através de um exercício de rememoração, objetos e/ou fatos com os quais constrói o acervo com que abastece sua prática imagética (FERREIRA, 2010, p. 22).

Na organização para o evento, buscamos, junto às crianças algo que pudéssemos trazer como proposta para que os visitantes, que assim como as crianças, rememorassem e compartilhassem suas memórias, em especial, as memórias da infância. Por meio da história: “*Colcha de retalhos*”, literatura que também traz como temática as memórias, cada pedacinho de tecido utilizado para construir a colcha, conta uma história, e traz lembranças de momentos especiais. Desta forma, decidimos construir com a comunidade escolar, uma colcha construída por meio de registros em forma de desenhos e/ou relatos de suas memórias, fatos que relembassem seu tempo da infância. Para isso, disponibilizamos pedaços de tecido e canetas coloridas para a produção de desenhos e escrita, onde narraram suas histórias. Em cada pedacinho de tecido, aos poucos, foram compondo a colcha de memórias.



Figura 6 - Colcha de retalhos

Na experiência com as famílias e a comunidade escolar, percebemos o quanto foi significativa, para nós enquanto docentes da turma e para as crianças, a participação ativa delas durante todo o processo de construção e exposição do coisário.

Vale ressaltar, a experiência que nos passou, nos momentos em que cada pessoa, se propunha a relatar e compartilhar sua história. Percebemos nas expressões, diante da proposta, pessoas atravessadas pela emoção que refletiram pelo olhar e nos registros, ao rememorar suas memórias da infância. *Experiências não são possíveis de serem traduzidas em palavras, mas estas se emprestam a nós para tentarmos materializar e compartilhar algo que nos toca, nos passa e nos acontece* (LIMA, 2015, p. 99).

Considerações finais

(...) a tarefa de estar entre as crianças consiste em fazer durar a infância todo o tempo que for possível.
(Carlos Skliar, 2014)

Ao iniciarmos o projeto abordando o tema sobre a memória com crianças entre 4 e 5 anos do grupamento II da Unidade de Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II, nos deparamos com alguns questionamentos e curiosidades das crianças relacionados ao assunto. Diante dos comportamentos delas pelas coisas simples, em muitos momentos nos fizeram refletir sobre qual importância e quais significados tinham seus achadouros.

Eram de fato, achadouros da infância, próprios do conhecimento e da lógica da criança. Como exemplo, podemos citar um binóculo que tínhamos no baú de brinquedos da sala. Era um dos brinquedos preferidos entre as crianças, com ele, elas se reuniam e saíam em busca de seus tesouros.

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo, ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela, (...), o sentido ou o sem sentido de sua própria existência, (...). Por isso, o saber da experiência, é um saber particular, subjetivo, relativo, impessoal. (LARROSA, 2002, p. 27)

Foi em uma dessas andanças pela escola, que uma criança encontrou um pedaço do brinquedo que havia sido quebrado. Ela correu para nos mostrar e no momento, lamentamos o ocorrido. Surpreendemo-nos quando a criança nos disse: “Eu quero guardar!” e questionamos, dizendo que não havia mais como consertar. A criança nos diz: “Eu quero guardar no meu coisário”. Naquele momento, refletimos muito sobre todo o trabalho que desenvolvemos com as crianças, que assim como afirma Manoel de Barros (2015), sobre o valor das *coisas desimportantes*. Que significado teria aquele pedaço de brinquedo quebrado para aquela criança? Lembranças sobre aventuras, descobertas, experiências vividas que, por meio daquele pedaço de brinquedo, seriam capazes de transformar e descrever de forma singular seus múltiplos sentidos.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARROS, M. de. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta, 2010.
- _____. **Meu quintal é maior do que o mundo**: antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BATESON, G. **Pasos hacia una ecologia da mente**. Argentina: Lohlé-Lumen, 1998.
- CORSINO, P. Trabalhando com projetos na educação infantil. *In*: CORSINO, P. (Org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- DIAS, K. S. Formação estética: em busca do olhar sensível. *In*: KRAMER, S.; LEITE, M. I.; NUNES, M. F.; GUIMARÃES, D. (Orgs.). **Infância e educação infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- FERREIRA, M. J. **As faces da memória**: Uma leitura da poesia de Manoel de Barros. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, MG. 2010
- FOX, M. **Guilherme Augusto de Araújo Fernandes**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque- Book, 1995.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 27, Jan./Fev./Mar./Abr., 2002.
- LIMA, C. M. de. **Educação de Surdos**: Desafios para a prática e formação de professores. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.
- MACHADO, A. M. **Balaio**: livros e leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- RIBEIRO, N.; SILVA, C. C. da. **A colcha de retalhos**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.
- RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- SILVA, F. M. **A construção da imagem pela “despalavra”**: Um breve diálogo entre a imagem poética na obra de Manoel de Barros. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Fernanda%20Martins%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: Abr. 2016.
- SKLIAR, C. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- ZANINI, J. Q. dos S.; LEITE, R. W. Sobre afetividade e construção de vínculos na educação infantil. *In*: OSTETTO, L. E. **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

SOBRE AS AUTORAS:

Camila Machado de Lima é professora de Educação Infantil no Colégio Pedro II. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO, vinculada ao Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores (GPPF). Integrante da *Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências* (Rede Formad).

Cristiane Clemente é pós-graduanda em Educação Psicomotora (Colégio Pedro II), professora de Educação Infantil do Colégio Pedro II e da Escola Oga Mitá.